

# Os precursores da interiorização da nova Capital

Luiz Artur Toribio

Não se surpreendam. Foi o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, o primeiro brasileiro a propor de forma organizada a mudança da Capital para o interior do País. Isso ficou claro quando a repressão da Coroa Portuguesa instituiu, no final do século dezoito, após abafar a Rebelião os chamados "Autos de devassa da Inconfidência Mineira", onde foram recolhidos dezenas de depoimentos de revoltosos. Naquela época, é óbvio, ninguém pensava em algo como Brasília, mas o projeto dos inconfidentes apontava São João Del Rei, no interior de Minas Gerais, como o lugar ideal para a nova capital.

O jornalista e historiador (de Brasília) Adirson Vasconcelos, apresenta no seu livro "A Mudança da Capital" (1), o líder da Inconfidência Mineira como "o precursor da interiorização". Vários outros estudiosos de Brasília concordam com esta tese, inclusive o fotógrafo — pioneiro João Gândim, consultor desta coluna — que possui em sua residência um verdadeiro museu particular sobre a história da cidade. Dos vários depoimentos prestados em 1789 pelos inconfidentes, apresentamos trechos de dois onde a intenção de Tiradentes fica clara:

— Padre José da Silva e Oliveira Rolim: "...que a Capital se havia de mudar para São João del Rey"..."a Praça se mudaria, logo que se fizesse o levante, para São João del Rey"..."executado que fosse o referido levante, mudar a situação da Capital"..."Joaquim Silvério dos Reis ao trair e denunciar o movimento de insurreição, relata as autoridades portuguesas..."a nova Capital havia de ser a Vila de São João de El Rey".

## IDEIAS AVANÇADAS

Um outro precursor da idéia da interiorização da Capital no Brasil, foi o jornalista Hipólito José da Costa. Brasileiro, mas residindo em Portugal, ele foi vítima da repressão da Inquisição portuguesa, devido as suas idéias avançadas, e terminou fugindo para Londres, onde fundou em julho de 1808 o jornal "Correio Braziliense". De lá, ele conseguiu editar clandestinamente, em português, 175 números do jornal até 1822.

De acordo com levantamentos realizados pelo historiador Adirson Vasconcelos, foi na edição de março de 1813 que Hipólito José da Costa investiu pela primeira vez na interiorização da capital brasileira:

"Os brasileiros — escreveu ele na época — nos permitirão lembrar-lhe, ao mesmo tempo que louvamos estes seus esforços para o melhoramento do Brasil; que eles conservam obstáculos à sua prosperidade, que retardarão indefinidamente os progressos da civilização, e da agricultura, e do comércio interno. E, por agora, faremos menção de dois. Um é a má escolha da sede do governo".

E prossegue no seu raciocínio:

"O Rio de Janeiro não possui nenhuma das qualidades que se requer na cidade que se destina a ser a Capital do Império do Brasil... Não nos demoraremos nas objeções que há contra a cidade do Rio de Janeiro, aliás mui própria ao comércio e a outros fins: mas, sumamente inadequada para a Capital do Brasil, basta lembrar que está a um canto do território do Brasil, que as suas comunicações com o Pará e outros pontos daquele Estado, é de imensa dificuldade e que sendo à beira do mar está o Governo ali sempre sujeito a uma invasão inimiga de qualquer potência marítima".

Proclamada a Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822, Hipólito José da Costa voltou a escrever um editorial sugerindo "medidas de relevo", entre as quais "a construção de uma nova Capital no interior do País".

## SURGE A LOCALIZAÇÃO

José Bonifácio de Andrada e Silva foi o primeiro executivo brasileiro a comprar a idéia, do ponto de vista político institucional, de interiorização da Capital brasileira. Isso ocorreu no Brasil Colônia, em 1821, quando planejou e escreveu a cartilha "Instruções aos Deputados à Corte de Lisboa".

Suas idéias eram claras:

"Deste modo, fica a Corte ou assento da Regência livre de qualquer assalto e surpresa externa; e se chama para as províncias centrais, o excesso de povoação vadia das cidades marítimas e mercantins. Desta Corte central dever-se-ão logo abrir estradas para as diversas províncias e portos de mar para que se comuniquem e circulem com toda prontidão as Ordens do Governo e se favoreça, por elas, o comércio, interno do vasto Império do Brasil".

E prossegue profeticamente o Vice-Presidente de São Paulo:

"Nesta cidade central ou no assento da Corte ou da Regência, além de um Tribunal Supremo de Justiça, e um Conselho de Fazenda, se criará igualmente, uma direção-geral da Economia Pública, composta de diferentes mesas, que tenham o seu cargo vigiar e dirigir as obras de pontes, calçadas, aberturas de canais, etc.; minas e fábricas mineiras, agricultura, matas e bosques, fábricas e manufaturas. A este novo Tribunal se dará um regimento sábio e adequado".

Sobre o local adequado a nova Capital, José Bonifácio fazia as seguintes considerações:

"A escolha final do local só pode decidir-se exatamente depois de trabalhos geodésicos e sanitários de uma comissão composta de engenheiros, médicos e arquitetos, que levante a planta do terreno e examine as circunstâncias locais que o devem fazer digno de tal categoria".

Oferece ele, porém, uma sugestão:

"Seja-me permitido apontar desde já algumas posições particulares por onde devem começar este exame. Os sítios que me parecem mais apropriados são: 1º — as vizinhanças da confluência do rio das Velhas com o São Francisco; 2º — as vizinhanças em que o rio Preto se reúne ao de Paracatu; 3º — finalmente, um local qualquer da península que forma os rios de São Francisco, do Ouro e de Paracatu".

As idéias de José Bonifácio eram tão certas, e convicções que ele chegou até a dar nome a esta nova Capital; Petrópole ou Brasília. Ficou Brasília e foi fundada no mesmo dia em que o precursor da interiorização, Tiradentes foi executado: 21 de Abril.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

(1) — O livro "A Mudança da Capital" de Adirson Vasconcelos serviu de fonte de consulta para este artigo. É um livro que trata com riqueza de detalhes toda a problemática da interiorização da capital e é indispensável a qualquer trabalho sobre a história de Brasília. Foram também consultados o historiador João Gândim e o livro "Exploração do Planalto Central", de Luiz Cruz.